

ll

ZAHIDÉ MACHADO NETO

para *Leitura*  
*em out. / 76*

**ANTROPOLÓGICAS: AS "SOCIEDADES"  
NA SOCIEDADE SEGUNDO  
GEORGES BALANDIER**

Separata da Revista Brasileira de Filosofia,  
Vol. XXVI, Fasc. 102, Pág. 198 a 207



SÃO PAULO  
1976

## ANTROPO-LÓGICAS: AS "SOCIEDADES" NA SOCIEDADE SEGUNDO GEORGES BALANDIER

*Zahidé Machado Neto*

(Da Universidade Federal da Bahia)

Georges Balandier, diretor dos *Cahiers Internationaux de Sociologie*, "Professeur à la Sorbonne" é, sem dúvida, um cientista social exemplar.

Sua trajetória biográfica (e como consequência, toda sua obra) consegue, com um rigor raramente excedido, ultrapassar as canhestras, e às vezes artificiosas ou ingênuas barreiras que separam a disciplinação da dicotomia epistemológica Sociologia/Antropologia.

Daí que se possa dizer desse *Anthropo-Logiques*<sup>1</sup> que é um livro que "ne prétend évidemment pas répondre à toutes les grandes questions, ni aux grandes questions, ni aux grandes incertitudes. Il formule néanmoins des propositions établies sur "dossiers", et révélatrices de positions théoriques de portée plus générale. Et notamment celles qui marquent *la rupture avec certaines des conventions dominantes* qui ont pu orienter l'activité des sciences sociales jusqu' à une date récente". (p. 8/9, grifo nosso).

Isto porque, muito coerentemente, Balandier observa que "il faut reconnaître que le partage des domaines "anthropo-logique" et "sociologique" est trompeur; il est plus révélateur d'une incapacité de reconnaître et traiter les différences à leur niveau (c'est-à-dire en toute société) que de la nature des choses sociales" (p. 9).

---

(1) Paris, Presses Universitaires de France, Col. Sociologie Aujourd'hui, 1974, 278 págs.



A busca de uma *anthropo-logique* empreendida pelo cientista social francês é um produto continuado de um projeto iniciado no seu *Sens et puissance, les dynamique sociales* (Paris, Presses Universitaires de France, 1971, 336 pags.) Ele explora sua dupla experiência: a do antropólogo que a partir de 1946, principalmente na África, "interroga" sociedades e culturas ditas diferentes, e a do sociólogo que apreende sua própria sociedade naquilo que ela revela de si própria nos seus problemas os mais atuais.

As sociedades do presente, por certo todas elas, formulam interrogações sobre seus modos de existência e seu futuro imediato. E as ciências sociais não podem ignorar tais questões, contribuindo para a elaboração do que Balandier chama de uma "Anthropologie de l'actuel". Assim é que é definitivo saber não apenas como são as sociedades e as culturas, mas como se estruturam e se manifestam seus "saberes"; aqueles que as têm como objeto.

Nem sempre as Ciências Sociais têm sido capazes de tal empreendimento; e lá pelas tantas "les artisans des sciences sociales deviennent, volontairement où involontairement, des producteurs de sens; ils sont incités à contribuer à la fabrication des différentes "visions" du monde actuel". (p. 6)

Nas sociedades em que as ciências humanas já se encontram convenientemente instaladas, aquela "fabricação" chega a constituir como uma espécie de "mercado". Há competição, imposição de marcas e de Escolas, o que vale dizer: concessões aos consumidores do saber e às modas. Assim, "les risques de perversion du projet scientifique se multiplient dangereusement, au moment même ou l'interrogation critique se renforce au sein des sciences sociales" (p. 6), afirma Balandier ao tentar refletir sobre a crise que ao mesmo tempo alimenta e põe continuamente em questão as ciências sociais. Trata-se de "une crise de croissance dans le temps même où les sociétés commencent à les reconnaître comme l'instrument de leur prise de conscience alors qu'elles se trouvent elles-mêmes en crise de continuité. C'est la mise en état de résonance des questions qui concernent aujourd'hui les formations sociales et culturelles et de celles qui visent le savoir constitué à leur propos" (p. 6/7).

Desse modo, o trabalho científico do cientista social implica, em princípio e por consequência, em colocar as próprias ciências da sociedade em perspectiva.

Ora, o que se observa, destaca o A., é que aquelas ciências vêm sendo constituídas progressivamente em dois níveis:



- a) o dos conhecimentos instituídos, cuidadosos de se validar por suas aplicações (de mostrarem para que servem);
- b) o dos conhecimentos mais interrogativos, mais voltados para a tomada ou para o reconhecimento de situações, para o diagnóstico, e por consequência, para um projeto mais amplo de mudança.

Por outro lado, observa-se que as ciências do homem vêm sendo solicitadas por duas tentações:

*Primeira:* "pourrait être qualifiée d'un terme ambigu, en la disant technocratique. Elle incite à limiter l'entreprise scientifique à l'ordre des techniques sociales, à l'activité des "ingénieurs sociaux" qui opèrent sur commande afin de remédier aux ratés et aux pannes de la société" (p. 7).

Tal tentação é muito sutil e poderosa. Para ela, para a "tentação tecnocrática", se acena com fontes de financiamento que seriam "substitutivos" do trabalho empírico propriamente dito. Assim é que ela coloca as ciências sociais em relação de concordância — ou de convivência — com os poderes que as utilizam.

*Segunda:* esta tentação poderia ser designada como a do "esoterismo". "Elle détache de l'ordre des réalités auquel elle substitue une construction logicienne, une édifice complexe de catégories, principes, notions et concepts auquel on n'accède que par initiation. La logique liant ces derniers est alors postulée identique à la logique du réel; l'ordre des choses importe moins que l'ordre des mots. Et les critères de l'acquiescement deviennent à terme ceux de la foi plus que ceux de la raison scientifique. Cette tentation réalisée transforme les écoles scientifiques en chapelles ou sectes, les controverses en débats scolastiques et les doutes en hérésies" (p. 7/8).

É entre dois riscos, que têm lá, aliás, suas relações com as "tentações", que Balandier reconhece que as ciências da sociedade devem localizar sua atividade.

- 1.º risco: o da "aplicação" não controlada de um saber que terminaria por definhar como um saber sem renovação;
- 2.º risco: o da "hierocratização" do discurso científico em termos de perda de relação com o real.



Ao assumir os riscos, as ciências sociais adquirem sua eficácia, direta ou indiretamente, em razão exatamente de seus avanços, e não da rotina.

E de que dependerão os avanços?

"La société s'impose maintenant sans l'aspect d'une création collective et jamais achevée; elle est constamment en voie de se faire, de se construire et de se donner un sens. Le savoir acquis commence à montrer sa réalité sous l'habit des apparences: un ordre approximatif et vulnérable, un débat constant entre la liberté humaine et les déterminismes, un affrontement permanent des intérêts et des interprétations, une "nature" sociale se présentant moins sous l'aspect d'un donné que sous celui d'un projet jamais entièrement réalisé. Ces constatations entraînent à l'élaboration d'une science sociale générative retrouvant ainsi l'enseignement d'une épistémologie moderne qui oriente vers les interprétations définies en termes d'actions et interactions complexes, et en termes d'engendrement" (p. 8).

Uma ciência social com tais "compromissos" epistemológicos necessitaria de desvendar o sentido freizador de dicotomias estereotipadas.

Desse modo, a preocupação do A, se orienta no sentido de "quebrar" a rigidez das separações entre "a natureza do homem" e "a presença do homem na natureza". As sociedades não se realizam e definem só através de sua produção simbólica e ideal (sua cultura) e sua produção material (sua técnico-economia), mas através do modo como elas condicionam a reprodução dos homens.

Uma outra "quebra" a efetuar seria aquela que visaria os obstáculos da oposição entre as chamadas "sociedades exteriores à história" e as outras (as "nossas") qualificadas de "prometeicas".

Ora, para se tentar afastar a barreira faz-se imperioso aplacar o sócio-centrismo, pois... "il n'est pas insensé de poser le principe que l'"anthropologie" constituée à propos des sociétés et cultures extérieures éclaire la connaissance de notre propre et rend notre sociologie plus opératoire" (p. 9).

O trabalho de toda a primeira parte desta obra de Balandier, e bem assim seu último capítulo, tenta demonstrar como a "antropologia" que se constitui sobre as chamadas sociedades e culturas "exteriores" esclarece o conhecimento da nossa própria sociedade, possibilitando uma sociologia mais operatória.

É na primeira parte — exatamente a que aqui nos inte-

ressa comentar — que o A. destaca três planos principais que delimitam as sociedades chamadas “de classes”, coexistindo no interior de toda formação social. São as “fronteiras” traçadas: o sexo, a idade e o sistema de desigualdades dominante. Sob o título geral “*Sociétés*” dans la société são tratadas “Hommes et femmes ou la moitié dangereuse”; “Pères et fils aînés et codets”; “Inégaux et dominants”. Aqui nos ocuparemos das duas primeiras.

Como relações fundamentais, elas se encontram “à l’origine des sociétés et traduisent des donnés de nature en faits de culture” (p. 13): relações entre os sexos, de uma parte; entre grupos de idade ou gerações, de outra. “La dynamique sociale interne devient tri-dimensionnelle; elle doit de plus en plus être définie par référence aux classes “sociales” ou à leur équivalent, aux “classes” d’âge et aux “classes” sexuelles” (p. 13).

As “classes sociais” são analisadas através de um estudo antropológico realizado em “material empírico africano” que considera o dualismo como gerador de dinamismos elementares. E não é possível esquecer que na análise da “situação de mulher” operada tanto pelos movimentos contestatórios quanto pelas teorias cientificamente construídas, vem se fazendo um continuado apelo a uma etnologia e a uma sociologia antropológica da mulher. O que esperam em boa parte os combatentes da liberação da mulher é que a antropologia venha de ajudar a descobrir, e reduzir a termos de equacionamento causal ideológico as justificações da dominação masculina, as formas culturais de “comprometimento” que conduzem a ocultar “la moitié féminine de la société — la moitié dangereuse” (p. 14).

Balandier observa que o problema pode ser destacado a partir de três questões:

- 1.º Como a divisão dos sexos afeta o sistema social e a cultura em seu conjunto?
- 2.º Como o dualismo sexualizado se exprime?
- 3.º Como a oposição e a complementaridade dos sexos são, a um só tempo, geradores da ordem e da desordem social?

Mas, para isso, o que se terá sob a mira de observação não será tanto o estatuto específico da mulher e do homem, mas suas relações, como elas se definem simbolicamente e “praticamente”, a natureza dos dinamismos sociais elementares dos quais elas são a ligação original.

Sob o crivo da análise empreendida por Balandier seu



"material africano" oferece condições de resposta àquelas questões. Se bem notamos, a questão das relações *entre* os sexos está proposta pelo A. em termos de verificar-lhe o nível de compromisso de afetação do sistema, de criação (e, pois, de expressão) de um dualismo e de elemento gerador de "mecanismos" de conservação e de mudança.

A estrutura das sociedades Mali, Bambara, Fang ou Béti expressada em suas mitologias é "re-transcrita" em suas "teorias gerais da sociedade" em termos de "construção da realidade" (Luckmann/Berger). As mitologias "expressam" as ideologias como "argumentos definidores" do sistema social e da cultura.

"Les mythes "disent très précisément l'union difficile des sexes, des principes mâles et femelles — en deux versions concurrentes dont les conclusions diffèrent, exprimant l'échec dans un cas, la réussite dans l'autre" (p. 16). ... La loi fondamentale de la création: l'association intime des éléments mâles et femelles, la dualité dans l'unité, la *concordia discors* de forces complémentaires et antithétiques" (p. 17).

O dualismo sexualizado torna-se o paradigma de todos os dualismos com os quais o pensamento mítico (Bambara) interpreta a *ordo rerum* e a *ordo hominum*. O "mundo", a sociedade e a cultura que lhe dão seus modos de ser e seu sentido resultam, assim, de relações múltiplas entre elementos marcados pelo signo da masculinidade, de um lado, e pelo signo da feminilidade, de outro. "L'union des deux principes, source de vie et clef de la logique du vivant, reste néanmoins vulnérable; elle lie en opposant — ce qui la fonde est en même temps ce qui la 'précarise'" (p. 17). Ela não será nem a união perfeita que é simbolizada pelo andrógino Faro (começo absoluto), nem a união "desastrosa" do casal mítico gêmeo (e genealógicamente sua seqüência), uma união tensional. O casal mítico original instaura a primeira relação homem/mulher em razão de suas diferenças. Os "princípios" se instalam em termos de dependência/complementaridade numa união tensional "ameaçada".

Afastada a possível união perfeita que se consumaria no andrógino (Faro, na mitologia Bambara) — concretizador da lei fundamental da criação, associação íntima dos elementos macho/fêmea, dualidade na unidade e começo absoluto — e sua seqüência genealógica, o casal gêmeo, união "desastrosa" cheia de dramas e peripécias, a mitologia Bambara esbarra no dualismo em complementaridade e oposição. Trata-se de um união tensional "ameaçada". A definição do princípio



fêmea é ambígua, talvez negativa do papel feminino e da própria mulher. Como ação criadora (fertilidade) sem o concurso da fêmea, impossível seria a vida; mas ela evoca a terra impura, a noite, a feitiçaria e a cumplicidade com forças obscuras. O sexismo depreciativo da feminilidade é encontrado em numerosíssimas culturas africanas. Lowie de há muito descobrira na metafísica da cultura chinesa a assimilação do mal ao princípio feminino.

Os "argumentos" míticos reforçam a "sociedade feminina" não apenas como "moitié necessaire et subordonée", mas também como "moitié dangereuse". A mulher é o "outro" próximo, o "estrangeiro" (o processo exogâmico em sociedades tribais oferece uma importante confirmação disto.) Associada ao "de fora", a mulher está ligada "à ordem da natureza". Seu grau de sexualidade parece menos socializado (por evidência, na gravidez) que o do homem.

O homem "operador" da natureza amplia sua dominação ao elemento da reprodução necessária, "reduzindo" a mulher a um estado "instrumental". Ele desenvolverá, inclusive, o "projeto social da mulher" no qual se inclui silêncio e submissão a um mundo de valores, de normas e de modelos *a priori*, masculinos. A condição feminina identifica-se com a das minorias sociais, a dos grupos oprimidos em razão de suas características próprias. Correlativamente, o trabalho feminino é depreciado. Por sua vez a situação de classe não altera substancialmente os elementos constitutivos da "condição". O sexo prevalece sobre a situação de classe. O universo social feminino é feito *pele e para* o homem.

Quando o quadro econômico/tecnológico, e seu caudal socio-cultural oferecem condições de contestação, de "mise-en-question" do já agora, problema, a análise antropológica pode chegar ao nível da compreensão do processo do mito, sua força ideológica (no sentido de alienante) de suas raízes sócio-estruturais, tão profundas, definitivas e definidoras como as dos Bambara, dos Fon ou dos Béti.

Ao realizar uma antropologia das gerações, Balandier destaca um importante elemento científico-motivador — o debate social, hoje historicamente em cena nas sociedades industriais "avançadas": a juventude —. Ele mostra como o "dossier" antropológico se ocupa da "força da idade" como regente das formações sociais, e como a religião, o trabalho, a moda, o sexo, a política, são reconsiderados em função da contestação, da iniciativa e da procura "jovem" como modelo social dominante.



A temática generacional — explorada a nível filosófico-existencial por Ortega y Gasset, e talvez ainda mais por seu discípulo Julián Mariás, graças aos aportes sociológicos que este traz em sua teoria das gerações — encontra no antropólogo uma chave de análise relevante.

Balandier vai à descoberta das variáveis que atuam no processo das gerações, daquilo que faz dos "estratos generacionais" "*societés*" *dans la société*.

Afasta-se, em princípio, qualquer simplificação metodológica; por exemplo: o grupo (de idade). Não se trata disto, mas de algo complexo, que afeta, inclusive no retorno, como conceito socialmente construído, o próprio sistema social.

Juventude e velhice (como polaridades) são categorias imprecisas. Estão sendo socialmente construídos alguns conceitos, como por exemplo "cultura jovem". Seu "código" de diferenciação é um "código" de oposições, caracterizado pela mudança rápida (v. g., moda), com apelos a símbolos, signos e "mensagens" de culturas tradicionais e exóticas. A fonte e o modelo das dissidências: os Estados Unidos. Como "cultura nova" ela pode radicalizar a nível de contracultura: teorizar-se (Rozak), chegar ao plano de uma "visão salvadora".

"La question des rapports de génération — diz Balandier — est centrale parce qu'elle exprime brutalement le problème de la reproduction sociale" (p. 67). E o é em qualquer sociedade; nas ditas "avançadas" como nas chamadas "tradicionais". Mas há diferenças, nos dois modelos, entre suas sociedades "jovem" e "adulta".

A separação das gerações, os antagonismos nelas contidos, ora mais ora menos evidenciados, têm passado por numerosos tratamentos teóricos, daí decorrendo tipologias generacionais que nem sempre têm conseguido dominar o ponto crítico das relações generacionais: o elemento fatal e necessário: o elemento natureza/cultura. E ainda mais: não têm dominado convenientemente a força social da "teoria social" implícita, isto é: da "construção social" da dinâmica das gerações, "devolvida" até o nível da própria mitificação.

A história genético/generacional, "sacralizada" muitas vezes, vê-se hoje ameaçada, e, pois, em vias de ser remanejada face à inseminação artificial.

Ainda uma vez seu "material africano" possibilita a Balandier analisar as relações de rivalidade e antagonismo, de ambivalência, de dominação/subordinação generacional; suas raízes e seus compromissos antropológicos, entre os quais se conta a morte.



"Les rapports de générations (et leur modèle: la relation père/fils sont essentiellement liés à l'ensemble du système social" (p. 90).

"L'ordre général de la société est indissociable de l'ordre des classes d'âge; (et que) ces dernières ne forment pas un niveau archaïque au sein des sociétés les plus modernes. Elles révèlent que la crise sociale, à son point extrême, se "dit" aussi dans le langage de l'âge; notamment lorsque la "classe" montante prend l'initiative de sa propre socialisation, recherche une nouvelle définition sociale, d'autres modes de la solidarité et vise à faire de sa propre organisation — de la "société jeune" en voie de se construire — le moule de la société à venir" (p. 111).

As análises dos chamados "movimentos de jovens", "rebeliões estudantis", "revoluções de juventude", tão numerosas nos idos de 1968, quando eles surgiram em tantos países do mundo desenvolvido, em sociedades envolvidas no complexo tecnológico-industrial-urbano não lograram atingir um nível de necessário rigor científico; o "quente" que o assunto representava impediu outras tantas análises de averiguarem mais cautelosamente o problema, perdendo-se em sensacionalismo.

A preocupação com o extraordinário do tema levou alguns estudos e análises a afoitamente desprezar coerências lógico-metodológicas.

Contudo, a questão estava posta na mesa.

E aquele material pode, hoje, oferecer ao antropólogo/sociólogo dados fartos para a análise não só do que recolheu como depoimento, mas da "reconstrução" que ele próprio representa como reinterpretação, como "teoria social" socialmente construída. Este excelente caminho de análise permite atravessar as simplificações das explicações sumariamente histórico-estruturais, já que absorve o histórico-estrutural como elemento constituinte.

As interpretações e análises antropológico/sociológicas das "sociedades" na sociedade para serem completas incluem o "dossier" espontâneo, representado na auto-interpretação corrente, continuamente vivificada numa espécie de "vulgata" social, e assim também os esforços teóricos, intelectuais, de sua interpretação.

No caso, não bastará interpretar e compreender a dinâmica generacional; mas, avançar mais, chegando à "teoria



social" da sociedade sobre ela própria, os condutos, apelos e mecanismos de manutenção e mudança atuantes na "sociedade da idade" gerações, fronteira social sociologicamente gravada de alta representatividade, como Balandier pode desvendar no seu substancioso e cientificamente excitante "material africano".